

*Tenho exercido vários ofícios, esqueci todos, e assim posso mover-me sem nenhum constrangimento. Não me agarram métodos, nada me força a exames vagarosos. Por outro lado, não me obrigo a reduzir um panorama, sujeitá-lo a dimensões regulares, atender ao paginador e ao horário do passageiro do bonde. Posso andar para a direita e para a esquerda como um vagabundo, deter-me em longas paradas, saltar passagens desprovidas de interesse, passear, correr, voltar a lugares conhecidos. Omitirei acontecimentos essenciais ou mencioná-los-ei de relance, como se os enxergasse pelos vidros de um binóculo; ampliarei insignificâncias, repeti-las-ei até cansar, se isto me parecer conveniente.*

*Graciliano Ramos<sup>1</sup>*

## 5. Conclusão

Há dois aspectos que imaginei merecerem espaço neste trabalho, envolvendo a questão da transitoriedade, termo o qual passei a identificar como algo intrigante em relação ao bairro do Estácio. Na primeira vertente, considerando as questões espacial, geográfica e temporal como delimitadores e violadores de determinado estado ou condição do lugar. Por esse viés passei a aceitar estes elementos como interventores no curso daquela comunidade, sendo responsáveis por infligir aos seus residentes transformações que diretamente afetaram suas vidas. Entre outras vicissitudes impostas àquela região em seu percurso histórico, como um exemplo bem marcante, pude perceber a instalação e presença do narcotráfico no Morro. Sem sombra de dúvidas, isso passou a ser um fator de profunda afetação nas relações pessoais dentro da comunidade, nos mais diversos aspectos como segurança, confiança, solidariedade, respeito e outros modos de conduta, balizadores para uma boa convivência. Prova disso é o expressivo deslocamento de muitos antigos moradores para outros bairros. Além disso, ações no campo físico como obras e a falta delas, chegadas e saídas de populações, presenças e ausências de culturas que uma vez ali se fizeram expressas, ganhos e perdas com tudo o que por ali transitou.

Por outra linha de pensamento, sentimentos como os que a mim foram confessados por aqueles com quem conversei, algo que transita entre nostalgia e

---

<sup>1</sup> RAMOS G. *Memória do cárcere*. Rio, São Paulo. Record, 2004, p. 35-36.

esperança, destituição e (re)conquista, orgulho e depreciação. Esta última possibilidade me fez enveredar para o campo psicanalítico, um campo do saber cuja subjetividade, pela própria definição etimológica, já exigiria de mim maior cuidado. No entanto, encontrei em Freud o amparo mais que necessário para endossar o que apenas tinha como frágil impressão.

Acredito que a ideia de limites para a região do Estácio, como em outros momentos deste texto já pontuei, nunca constituiu algo significativo. Em nenhum momento da história daquela área se soube exatamente aonde Cidade Nova, Estácio ou Praça Onze encerravam fronteiras, por mais ínfimas que fossem. E se ainda assim alguma autoridade no assunto puder apresentá-las, a verdade é que – como sempre – ainda hoje não fará a menor diferença. Sobretudo por estar ali o eixo de uma cidade que vive sob a pulsão do contemporâneo, quando não se permite pensar ou estabelecer fronteiras, em qualquer campo de atuação, de qualquer sociedade, sobretudo urbana. Assim o Rio de Janeiro tem se oferecido, não só a quem chega, mas a quem já está.

Tal fenômeno está relacionado, ainda, à passagem da cidade à megacidade, da cultura urbana à multiculturalidade: a coexistência de múltiplas culturas urbanas no espaço que, ainda, chamamos urbano. [...] pois se há mais de uma cidade na cidade, há uma complexidade multicultural, que antes não se considerava de maneira forte, uma vez que a preocupação era com a construção de uma unidade nacional[...] (GOMES, 2009, p.186).

Outra consideração a fazer, se ampara na produção artística que de certa forma monumentalizou aquele lugar. Consequentemente, isto parece esclarecer uma espécie de sensação de luto pela não aceitação ou não compreensão do que se deu com o fim da Deixa Falar e do movimento musical ali iniciado, por exemplo. Percebi nos meus interlocutores, durante a pesquisa, uma não apreensão do tempo decorrido e o que a velocidade dos acontecimentos não os permitiu aferir. A começar pelo samba, como um artigo intrínseco ao seio daquela comunidade, mas que como toda arte, em qualquer circunstância, não escaparia ileso dos atritos com o que resvalou. Até porque o samba do Estácio chegou a sua resolução diferenciada, também pelo mesmo processo de empréstimos e apropriações, além da criatividade indiscutível de seus agentes, inegavelmente.

Entendo que a questão da transitoriedade é irrevogável a qualquer comunidade, a qualquer sociedade do mundo, inclusive ao Estácio. Ao que me

atenho é simplesmente sinalizar com uma argumentação para o que não parece ter sido assimilado por aquela comunidade – ou boa parte dela – como consequências geradas por esse fenômeno. Sendo assim, ao pensar o termo transitoriedade sob o prisma do território, retomo como ponto de partida a região de Mata-Porcos e sua característica de “pouso para tropeiros”, a pioneira e breve cultura do café, a criação e breve duração da pioneira Deixa Falar, bem como o potente movimento musical gerado e esfacelado com a mesma brevidade. A união de forças das escolas do Morro para fazer nascer uma grande representante do São Carlos, para em seguida esta mesma escola descer ao asfalto, abolir as cores azul e branco de origem e buscar referência no vermelho e branco da extinta – e tão lendária quanto efêmera – criação da Rua Maia Lacerda.

Saliento, também, a quantidade de personalidades interessantes que ou nasceram ou chegaram e fizeram parte da história do lugar, sendo mencionados exaustivamente por todos ou quase todos com quem conversei. Luiz Gonzaga e Gonzaguinha, Ângela Maria, Cecília Meireles, Aldir Blanc, Carlos Lamarca são nomes cultuados como prendas que justificariam uma quase sacralização do bairro. Na verdade trata-se da monumentalização da região a partir destas marcas, muito embora, senão todas, quase todas elas venham corroborar uma das queixas mais recorrentes: o produto que brotara ali, mas fora florescer em outras terras.

Nem a Cidade do Rio de Janeiro, nem o bairro do Estácio, nem o samba, nem ninguém está isento das vicissitudes do tempo, quando o que ainda pode sobreviver, talvez seja somente a memória. Sob a exigência de um ritmo de vida por demais pulsante e da premência do novo, nada se detém a limites e nem os identifica. Tudo é transitório, transpassável e pode ser reassumido de um novo modo, por um novo agente e, muito provavelmente, ainda assim sob regência do efêmero, do que se reinventa a cada instante e se institui como continuamente transitório. É a qualidade de espaço em construção, em constante mutação. Um imenso caldeirão, onde fervilham multiculturalismos e toda sorte de informações. Algo classificado a seguir pelo professor Renato Cordeiro Gomes como “arena cultural que indica um campo de batalha simbólico das artes e das indústrias da cultura”.

Nesse estado de coisas, torna-se patente uma nova configuração urbana, que, a par da globalização cultural e econômica, estreitamente ligada à expansão das redes de comunicação, impõe repensar a vivência nas cidades, arena de

embates sociopolíticos, identitários e culturais, que podem ser associados à violência, à exclusão e ao medo [...] (GOMES, 2009, p.181).

Não há – nem mesmo com todo romantismo pelo qual possa ser tomado o mais obscurantista membro da velha guarda – como deixar de enxergar que mesmo aquele território, ora tão esquecido por diversos momentos em sua história, sofreu uma reconfiguração, pondo em revista diversos conceitos que passam por vários aspectos importantes, dentre eles o temporal. Não há mais espaço para cuidados em sublimar, nem perpetuar nada. Avassalador, o tempo pode permitir algumas permanências quando simbolizadas sob o estatuto de monumento. O próprio presente é tão fugaz, que tudo mal se apresenta como novo e já passa por um processo de esquecimento. E paradoxalmente é deste esquecimento que pode também surgir a monumentalização de determinados fatos ou seres, como se pode perceber na imagem abstrata da Deixa Falar. Ou mesmo na concretude de um corpo esculpido, como Ismael na pracinha, encostado ao poste com seu violão. Andreas Huyssen dirá que “a velocidade destrói o espaço e apaga a distância temporal.”<sup>2</sup> Ainda, que “quanto mais memória armazenada em banco de dados, mais o passado é sugado para a órbita do presente, pronto para ser acessado na tela”<sup>3</sup>. Tais observações podem assim nos sugerir que o esquecimento ou “amnésia” – termo ao qual ele vai se referir – parece tornar-se mais um produto com um fim bem definido dentro desse contexto de vida que se quer contemporânea, que é de propiciar a criação do monumento.

Esta, porém, gera simultaneamente o seu próprio oposto: a nova cultura museica como uma formação reativa. Seja um paradoxo ou uma dialética, a disseminação da amnésia na nossa cultura se faz acompanhar de um incoercível fascínio pela memória e pelo passado<sup>4</sup>.

É nesse modelo de cidade, essa arena cultural, à qual se referiu o professor Renato Cordeiro, o lugar onde o cidadão nativo do São Carlos e do Estácio passa a viver num estágio, cuja tamanha diversidade cultural o leva a tornar-se também estrangeiro em sua própria terra. O autor Nuno Ramos, em seu *Ensaio Geral* (2007, p. 12), argumenta que “Como nada se fixa de todo e nenhuma conquista consegue enraizar-se, parece que estamos condenados a um eterno presente

<sup>2</sup> HUYSSSEN Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*/Andreas Huyssen – Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p.74.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Idem, p.75-76.

curiosamente intransitivo, voltado para si mesmo, deslocado do que veio antes e do que deveria vir depois.” Para uma geração que ainda se retém num olhar para o passado fica realmente confuso situar-se em meio a tanta diversidade e tantas transições. E não apenas se referindo ao bairro, mas a ele como uma fração da própria Cidade do Rio de Janeiro, com suas nuances, construções e desapropriações no campo físico e urbano, como também nos aspectos social, econômico, artístico e moral.

O Estácio, em sua condição de “corredor”, envolto por esse torvelinho de ocorrências simultâneas e contínuas, parece sentir os efeitos do que tento resumir no termo transitoriedade, com a instabilidade expressa de maneira mais emblemática no rendimento de sua escola de samba. Lembro-me de uma conversa com o inquieto e alegórico compositor Soneca, em que ele me inquiria da seguinte forma: “você já viu alguém dizer ‘eu vou ao Estácio?’”. O cara diz ‘vou passar pelo Estácio’. Por quê?”. Veio-me à mente o tempo em que, no início dos anos oitenta, eu embarcava na linha dois do metrô, em Irajá, com destino ao centro, e era obrigado a descer no Estácio para realizar transferência para a linha 1. Ou seja, ironicamente, até a estação do metrô do Estácio já fora criada para ser estação de transferência. Ao notar que eu achava graça enquanto ele falava Soneca certamente não compreendera o meu riso. Mas ali ele me fornecia mais uma evidência do caráter transitório ao qual eu tanto tenho me referido e o qual me atrevi a diagnosticar como sintoma de muitas das recorrentes questões que a mim chegaram sob forma de queixa.

Limites para aquela região sempre foram na verdade passagens. O território, simplesmente um corredor por onde o fluxo de tempo permitiu menos o ficar e mais o vagar. Solução para os eventuais dilemas neste trabalho é exatamente o que aqui menos se espera, uma vez que este se faz pretendido na forma de narrativa literária e expressão artística, antes de tudo. Problematização, talvez seja mais aceitável, até porque é isso o que toda arte suscita e sugere. Como também deve ser com o Velho Estácio. Patrimônio cultural que é desta cidade, um berço de arte, há de ser fustigado, problematizado, atravessado por tudo e por todos, sem que se sobreponha ao prazer de por ele transitar, qualquer explicação que encerre o que lhe fomenta de carisma.

Por isso, ao me propor – ou mais até que isso – ao me impor o trabalho de pesquisa e narrativa sobre memórias do Velho Estácio, não inadvertidamente caí

em vazios, os quais não só por vezes aterrorizaram como também se ofereceram como campos de batalha a serem vencidos. Dependendo do grau de firmeza diante de eventos dessa natureza, em alguns momentos torna-se cruel a sensação de impotência que ameaça amputar qualquer articulação no sentido de sair desses vazios. De outra forma, um processo lento e reflexivo sempre pode conduzir a uma saída (ou saídas) por veios até bem pouco tempo inapreensíveis, mas que vão emergindo dentre as brumas do não-dito e construindo o acesso para a narrativa.

Algumas das dificuldades que naturalmente se encontram, incidem de forma bastante contundente sobre a questão temporal. O passado é sempre um caldeirão, cuja história ou muito dela se vai sedimentando no fundo. Porém, à medida que alguém ou algum fenômeno, por ato ou pensamento, revolve seu conteúdo, qual fosse o gesto de produzir com uma concha movimentos circulares no sentido anti-horário e dessa forma retroceder no tempo, tudo pode adquirir outra configuração.

Muito do que fora dito e feito, perde ou ganha novos contornos. Frases não ditas passam a ecoar como ladainhas sagradas, cuja consagração destas se dá pela sua propagação ao longo do tempo, quando podem ser acrescidas de afirmações e até atestações fidedignas sobre determinados fatos. Feitos ditos ou não ditos seguem contraditos ou silenciados, podendo ou não, que do caráter duvidoso ou de seu silêncio se avulte o que é do interesse dominante ser dito. Escritos feitos ou não feitos, ditos ou não ditos buscam perpetuar a memória que se quer exibida, oficializada, monumentalizada.

Ao analisar a obra de Santo Agostinho, Paul Ricoeur revela que nas palavras daquele “não há descrição sem discussão”<sup>5</sup>. O período em que me vi envolvido pelas questões do Morro de São Carlos, do Estácio e da Estácio, principalmente nas relações pessoais com os seus indivíduos, certamente que durante todo esse tempo estive – até internamente – também sob intensa discussão. Senti-me por diversos momentos em meio a uma espécie de tiroteio verbal de difícil dissolução e de complexa tradução. Mas, pelo próprio devir, coube a mim buscar uma decodificação dessas informações sobre a cena em que

---

<sup>5</sup> RICOEUR P. *Tempo e narrativa* (Tomo I). Paul Ricoeur; Tradução Constança Marcondes Cesar – Campinas, São Paulo: Papyrus Editora, 1994, p.21.

me via inserido, a partir do meu olhar e do meu sentir, isentos de qualquer emoção (assumo este paradoxo).

Afirmações eram desmentidas ou questionadas, às vezes até ridicularizadas por um e outro. Outras, sequer eram reconhecidas, enquanto algumas realmente eram confirmadas, endossadas e, às vezes, tendo sido até testemunhadas. Personalidades artísticas e nomes de reconhecida expressão tinham subtraídos os seus valores, enquanto outras nem tinham seu valor reconhecido. Aspectos de fundo político, financeiro ou mesmo vaidade, simplesmente, configuravam quadros de simpatias e aversões entre agentes da mesma trama, da mesma causa. A importância do São Carlos para a Estácio mostrou-se para mim como o sopro vital para a história de cada um de seus moradores. A história que se fez, a que se faz e a que há de ser feita, independentemente do grau de proximidade desses indivíduos com a quadra, com as atividades carnavalescas ou com o samba. Independentemente da história de vida de cada um, de seu credo, sua postura política, sua visão de mundo.

Outra questão que me soou por demais delicada foi a possibilidade de admitir limites entre o Morro do São Carlos e o bairro do Estácio. A deixar de lado o que possa existir de limites entre este bairro, a Cidade Nova e a Praça Onze, que sempre foram áreas sem fronteiras e, a meu ver, sempre constituíram um só rosto, não posso deixar de admitir que percebi o Morro realmente sempre num outro plano. Ele tem sua autonomia. Não apenas porque sua inclinação geográfica o tenha como ambiente distanciado do asfalto. É óbvio que fisicamente isto é fato, porém também não me parece que o espírito do cidadão tanto do Morro quanto do asfalto possa estar ou esteve limitado por nenhum acidente geográfico. Creio que o espírito, felizmente, é o que nunca foi preso nem nunca se pode prender. Por essa razão ele transita por onde bem quer, sobe e desce, passeia pelo Largo, pelas ruas, e se detém onde deseja estar. O espírito é o que inabilita a barreira entre o Morro e o asfalto e desautoriza a delimitação de território entre eles.

Ainda sobre Santo Agostinho, Ricoeur ressalta que para aquele pensador “a especulação sobre o tempo é uma ruminação inconclusiva, à qual só replica a

atividade narrativa”<sup>6</sup>. Pois, foi neste movediço terreno onde estive me movendo, empenhando-me em “replicar”, em tornar escrita a memória tão reivindicada pelos estacianos e são-carlenses. A minha atividade narrativa se amparara neste anseio de atendê-los com humildade e dedicação, aventurando-me a compor, ao menos, um único verso do secular samba que a todos encanta, e que nos move no toque, no canto e na dança.

Portanto, como num contínuo exercício de memória, retorno ao ponto de partida para reafirmar ideais traçados em tão prematuros dias. Diante de tantas especulações, sobretudo das minhas, servi-me daquilo que detectei ser o determinante e o determinador para boa parte das questões levantadas pela comunidade com relação ao bairro e à escola. O que entendi como aspecto peculiar em várias descobertas, fossem elas por pesquisa ou mera observação, reside no caráter transitório daquela região como algo historicamente recorrente.

Assim, não me acanho nem me reprimo em concluir este texto com um plágio de mim mesmo, presente na primeira parte deste trabalho. Naquela circunstância, sem que eu possa precisar o período quando o escrevi, encerrei um pensamento fazendo-me valer de metáforas, das quais tanto gostei, que imodesto as venho repetir como parágrafo final. Não porque me falem palavras, nem por desídia, não por cansaço. Faço-o porque quando as escrevi, posso assegurar com honestidade, fui tomado por um sentimento indefinível, exatamente semelhante ao que sinto neste término.

Meu espírito parece estar sendo acometido por uma espécie de saudade, um misto de realização, de dever cumprido, sim, e de muita alegria. Foram anos circulando pelo Estácio, cumprindo etapas de reconhecimento e de descobertas, no mero transitar pelas ruas ou no franco e diverso contato com muito de sua gente, em muitas horas do dia, da noite e pelas madrugadas. Na quadra, nos arredores do Morro, nos botequins, na Passarela. Nos eventos em que estive como simples espectador e naqueles em que me aventurei ser também protagonista.

Sinto também, e de forma muito profunda, a conversa que não tive com os que pela ação do tempo e seus reveses já estivessem definitivamente calados. Alguns não cheguei a conhecer. Outros até conheci, mas não consegui estabelecer

---

<sup>6</sup> Idem.



contatos posteriores devido à debilidade da saúde deles, como foi o caso do compositor Mago. A estes, deixo aqui minha homenagem baseado nas informações as quais pude apurar. Noutros casos, quando a pesquisa não foi possível de se realizar pelo fator segurança. Mesmo estando o Morro de São Carlos sob o regime de UPP, é sabido por todos que a presença do tráfico lá, bem como em todas as áreas dessa presença policial, continua sendo uma realidade. E toda chegada estranha àquele ambiente é passiva de represália, condição de risco a qual preferi não me colocar.

Das observações finais, ainda destaco o último carnaval de 2017, quando havia novamente a expectativa de um retorno imediato ao grupo especial, mas o terceiro lugar frustrou este intento. Embora tenha realizado um ótimo desfile e a escola tenha empolgado as arquibancadas com o enredo sobre Gonzaguinha, coube ao Império Serrano, depois de vários anos, comemorar o triunfo de desfilar no ano seguinte no primeiro escalão. E como parte daquilo que atribuí ao termo transitoriedade, a notícia que abalou a escola, tão logo encerrado o carnaval 2017, foi a saída, ou melhor, a transição do Mestre Chuvisco para a Vila Isabel. Reinaldo de Souza Chagas, ou simplesmente Chuvisco, é uma cria da casa que chegou à escola com nove anos de idade para a ala das crianças. Aos treze ingressara na bateria, tocando repique, caixa e depois dominando todos os instrumentos. Após a saída do Mestre Esteves, a quem auxiliava, assumiu o posto e nele permaneceu por cerca de dez anos alcançando nota máxima para a escola. Porém, eis que chega também seu momento de deixar o berço, e ele sai em busca de outras conquistas, como um bom produto que é do Velho Estácio. Em seu último desfile pelo Leão, cravou quarenta pontos e foi responsável por mais um rendimento impecável da “Medalha de Ouro”, como em tantas exibições anteriores.

Em muitos momentos da minha trajetória narrativa senti-me fragilizado por algumas questões pessoais, mas sempre fui confortado pelo próprio ofício que tinha a cumprir. Reconheço que mais me fortalecia com o desafio. E se este trabalho tangencia ao padrão exigido em uma tese acadêmica foi exatamente neste descompasso que senti minha pisada mais firme. A cada instante em que me via distanciar da tradição alegrava-me sentir-me contemporâneo. Poder ser canal e personagem numa trama singela, em diálogo constante com outros atores até

então sem papel e sem fala neste tipo de produção. Confesso que não poderia fazê-lo de outra forma, pois seria aviltar meus princípios e contrariar a proposta inicial. Quanto à crítica de não haver uma questão e a defesa desta, atribuo então tal falha ao fato de ter encontrado real relevância naquilo que certamente nunca mereceu defesa. Com minha narrativa busco defender a tese de que nada poderia ser mais relevante para mim do que este espaço dividido, o momento de cada fala, a importância dada ao comum, a quem se enobreceu ao ser abordado por mim para me conceder uma “entrevista” e vislumbrou a iminência de “entrar para a história” a partir da minha escrita.

O que mais me fustigou durante todo o período que compreendeu o curso e a “pesquisa de campo”, foi a dificuldade em alinhar a análise do que eu via e vivia nesta, com a exigência do outro. E a bem da verdade afirmo que nunca alcancei tal sincronismo, porque na verdade, no fundo o que me excitava era desalinhar, quebrar paradigmas e apresentar à academia uma nova possibilidade de aproximação com o popular. Como resultado, chego ao término com um misto de sentimentos em que predomina a grande alegria da realização. A alegria ao entender que produzi um texto, cujo grau de valor pode ser relativizado e isso já constitui a conquista de ser observado por mais de um prisma. Explicar algo ou dar conta de alguma questão distanciado da realidade, não me parece algo maior do que estar problematizando e sofrendo os efeitos da problemática no cerne da própria realidade.

Tenho ao longo de minha experiência como estudante e homem me ocupado em aprender sempre um pouco mais, em cada leitura, em cada tentativa de narrativa. Tenho feito disto sempre uma grande motivação de viver. O desejo de escrever sempre se ofereceu como uma quase necessidade para mim, desde tenra idade, e tal prazer me liberta do medo de realizá-lo bem ou mal. Portanto, sinto-me um agraciado pela oportunidade de concluir mais uma etapa em minha vida, a qual há até bem pouco tempo sequer cogitaria. Talvez profetizasse o Velho Otávio, quando ao rebater minha implicância com o nome de batismo por ele escolhido, o defendia com a tese de que Valter era nome de doutor. “Doutor Valter”. Hoje, como o outro, Benjamin, vejo-me trafegar em uma rua de mão única, mas ainda assim permito-me o fortuito exercício dessa memória para registrar na minha escrita a distante fala de meu pai.

Por fim, ao que concerne o Morro de São Carlos e o Estácio, muito ainda há de ser apurado, vivido, testemunhado nesse devir cuja marcha tem sido marcada por toques de surdo, tamborim e cuíca. Assim como os movimentos daqueles senhores da mesa, quando ainda muito distante iniciei minha caminhada, procurei aprender com eles a lição de seguir no labor, sem vagar, mas no ritmo que eles me permitissem os acompanhar. Da concentração até a dispersão o percurso foi longo. E ainda se contrapôs, além da distância, o rigor do cronômetro. No entanto, foi também, sem dúvida, mais prazeroso que cansativo. Quando eu ainda estava agrupando, na concentração, a bateria iniciou o “esquentar” determinando a frequência da minha pulsação. A harmonia revelou-se perfeita, o grito de guerra foi dado, e quanto à fantasia, esta, desde a escolha do enredo, já me havia tomado por inteiro: o corpo, o espírito, frente, verso e prosa.